

# BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 25 DE FEVEREIRO DE 1877.

NUMERO 20

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

## AMELIA BUSTAMANTE

(Ao meu amigo Manoel de Araujo)

### I

Ella tinha morrido ; o que restava  
D'essa, que a todos nós nos encantava,

Da engraçada *Néné*,

Era a saudade pura e indefinida,  
Que, por balsamo, tem só, n'esta vida,  
A convicção e a fé.

Rola, nascida em Africa, viera  
Pedir á Europa a eterna primavera  
E as formosas manhãs ;  
Porque sobre o seu ninho esvoaçara  
Negro abutre, e, co'a garra, lhe empolgára  
Quatro jovens irmãs.

Deixa, ainda implume, o solo tão distante,  
Ave cosmopolita e viajante  
Sem patria e sem pavor ;  
E o Minho, a terra amêna dos meus sonhos,  
Recebeu-a nos seus vergeis risonhos  
Com maternal amor.

Porem... baldado intento, a primavera,  
Foi, para ella, uma fallaz chimera,  
Para a branca cecem ;  
Porque o raio, que prostra reis e imperios,  
Ousou, atravessando os hemisferios,  
Vir feril-a tambem !

### II

Era uma estancia lugubre,  
De rosas coroada ;  
Sobre um caixão deitada,  
Uma creança está :  
Dorme, talvez. Alvissimo  
E' o seu rosto lindo,  
Botão de rosa, abrindo  
E emurchecido já.

Mas esse somno plácido.  
Que mão fria acalenta,  
Aos que ali stão, augmenta  
A duvida fatal ;  
Porque na face livida  
Do anjo, ha uns fulgôres,  
Que são, de certo, alvôres  
De luz celestial.

E o sol, ja frouxo e mórbido,  
Derrama a luz no escuro,  
E imprime um beijo puro  
No rosto ao cherubim ;  
Como a dizer-lhe, em jubilo,  
Que elle encontrou sua alma,  
Quando a celeste palma  
Ia buscar, emfim !

### III

Eis quebra-se o silencio ; e á porta do aposento,  
Denso grupo infantil desponta, em um momento,  
E entrou a sala já ;  
Preito de anjos a um anjo, avançam soluçando  
Bando de cherubins, na terra caminhando  
Á voz de Jehová.

Passam em de redôr da sua irmã sem vida,  
Beijam-lhe o corpo frio, e, em voz enternecida,  
Recitam-lhe orações ;  
E depois, levantando as suas mãos pequenas,  
Apontam-lhe, a sorrir, a estrada de açucenas  
Das celestes mansões.

E eu, grave, silencioso, e commovido e crente,  
Curvei-me sobre o chão, prostrei-me reverente,  
Junctei, tambem, as mãos.  
E uní a minha voz áquellas voses puras,  
Que, como o insenso estreme, erguiam-se ás alturas  
Dos pãramos christãos.

Portozelo.

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA.

## LA ACADEMIA

Está sendo acolhido em toda a parte—com merecidos encomios—o semanario madrileno *La Academia*.—Nada ha d'exagêro n'este acolhimento.

Dirigido por D. Francisco Maria Tubino, sabio venerando; e editado por D. José Gil Dorregaray, amador primoroso; não podia vir a lume com auspicios mais lisongeiros.—Fadou-lhe a fortuna o berço.

A nós, bastou-nos vêr o *Programma* respectivo, para desde logo o annunciarmos na *Borboleta*, como d'uma publicação peninsular d'elevado alcance.—Não nos iludimos.

Os cinco numeros atégora publicados—impressos com esmêro e illustrados com mimo—não deixam nada a desejar ao amator.—São espécimens de subidos quilates.

Na impossibilidade de summariar os bellos artigos de *La Academia*—para o que seriam apoucadas as columnas da *Borboleta*—limitamos-nos a um só dos artigos do semanario madrileno, como exemplo comprovativo do que dizemos.

Escolhemos o artigo do famigerado Emilio Castelar—impresso no ultimo n.º de *La Academia*—com o titulo *Caprichos d'um Tyranno*.—Damol-o como synthese magestosa de todos os mais.

E' um extracto d'uma obra do orador consummado—inédita ainda—e por elle intitulada *O Occaso da Liberdade*.

Deixemos fallar o filho assombroso da visinha Hispanha, e ouçamol-o em silencio respeitoso:

—\*—

«Levantou o imperador Tiberio a mão, como se com ella quizera evocar sêres invisiveis:—e abriram-se as portas de par em par, para dar passagem a uma especie de sombra—branca como a espuma das ondas, e coroada com uma vistosissima grinalda».

«Nos seus formosos contornos, delineava-se donairosa a sombra d'uma mulher—que se diria gerada pelos vapores d'aquella orgia, pelos aromas d'aquellas rosas, pelos reflexos d'aquelle crepúsculo—como se fôra uma evocação do intellecto, ou como um sêr sobrenatural, trazido alli pelos conjuros liturgieos.—Mas quem de perto a tivera seguido; e com attenção a itvera encarado; reconhecer-lhe-ia de prompto a realidade, apenas lhe ouvira os suspiros que exalava, e vira os rastos das

lagrymas atraz de si, como trilho doloroso da sua passagem».

«Era effectivamente uma mulher—envolta em vestes transparentes, e coroada de flores vecejantes».

—«Aproxima-te.

—«Não posso.

—«Manda-o, quem manda em toda a parte.

—«Mas quem não póde mandar aqui.

«E poz a mão a joven no coração.

—«Seria o unico logar no mundo, ou na humanidade, fôra dos meus dominios.

—«Não sabes—não—as almas que se evadem ao teu imperio.

—«Importam-me pouco as almas; com tanto que se curvem aos meus mandatos os corpos de todos os homens, e se rendam ás minhas caricias os corpos de todas as mulheres.

—«Tigre!

—«Despe-te dos teus veos.

«Sentiu a joven um estremecimento involuntario:—e como se a galvanisára o instincto do pudor, cingiu a si com maior força as vestes, e os veos que a cobriam.

—«Deixa-me penetrar até os ultimos reconditos da tua formosura.—Deixa-me que os meus olhos vaguêam por essas fórmas bellissimas.—Deixa-me repousal-os tranquillos nas tuas perfeições, embebecidos e embriagados d'amor.

—«Oh! não—mil vezes não.—Criaram-me os deuses para o joven da minha escolha—para o alvo da minha vontade, e não para o tyranno que intenta avassalar-me.

—«Não me resistem os povos:—não me resistem os exercitos:—não me resistem os tribunos.—Nada me resiste.—E hade resistir-me uma debil mulher?

—«Sim:—resistir-te-ha.

«Deu Tiberio uma gargalhada—tam estridolosa, que aturdia os ares; e tam sinistra que gelava o sangue.

—«Torno a repetir-te, que te resistirá.

—«Inutil empenho.

—«Invencível resolução.

—«Não ha resoluções, contra a minha suprema vontade.

—«Que nunca domará n'outra vontade indómita.

—«Tenho tormento.

—«E eu paciencia.

—«Tenho calabouços para encarcerar-te.

—«E eu pensamento, para voar dos carceres para fóra.

—«Tenho verdugos.

—«Chama-os embora; porque estou re-

solvida — antes que ser tua — a ser do Averno.

—«Oh! sinto por ti, o que nunca por outra mulher sentira: — nunca!

—«E' isso verdade? — Perguntou a joven, com certo mixto de curiosidade e compaixão: — affectos proprios do sexo, que nem contra os cruceis póde ser cruel!

—«Comprehendo-te...

—«Não ha nada a comprehender, alem das minhas palavras.

—«Vós, as mulheres, pareceis-vos com a raça dos gatos, em serdes todas uma astucia requintada.

—«Astucia dizes?

—«Sim, astucia.

—«E em que tens tu visto a minha astucia?

—«Vi-a na solicitude, com que tu perguntavas, se eu tinha sentido alguma vez por outra mulher, o que sinto agora por ti.

—«Não era solicitude: — era compaixão.

«E accentoou com tal gesto, e tal entoação esta palavra, que facilmente houvera tocado um coração humano, a ser distincto do coração de Tiberio.

—«A compaixão é companheira inseparavel do amor.

—«Oh!...

—«E tu, mulher — e como mulher conhecedora de todos os segredos do coração — tens sentido o meu estado, como se elle fôra teu proprio — como se passára por ti mesma?... Tens visto, como o tédio me domina. — Aquelle a cuja presença as fronteiras se curvam; aquelle a cujo imperio se rendem os corações; aquelle que não vê erguer-se em roda de si outra vontade, outra consciencia; necessariamente hade amar a mulher, que tenha ousadia bastante para resistir-lhe. — Por isso me tens resistido. — Por isso te ergueste imperiosa no meu caminho, e tens querido contrariar o meu alvedrio omnipotente, para o cingires a teus pés como escravo, encadeado pelo teu olhar fascinador. — E agora, ferve-me o sangue nas veas; saltam-me os olhos fóra das orbitas; e apodera-se de minha cabeça a vertigem. — Fugiu tudo da minha vista — tudo quanto o mundo encerra: — o meu poder, a minha auctoridade, a minha gloria — tudo menos tu, meu amor. — E tu serás minha, como é da planta a flôr, como é do ceo a estrella.

«E Tiberio ergueu-se do leito, estendendo os braços para a joven, que retrocedera assombrada.

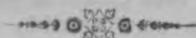
—«Se no peito aguardas ainda algum vislumbre d'humanidade; conjuro-te a afastares-te de mim — a deixares-me pura — a respeitares a minha resolução de me reservar para a familia, para o lar, para o amor, para a virtude.

—«Quem és tu, minha bella? — E's acaso alguma d'essas baccantes, que rojam ao chão o thyrsos d'ouro e a coroa de pámpanos, para ébrias de vida nos trazerem ao seio — nos olhos scintillantes — a fascinação do amor? — E's por ventura alguma das searas — alvas como a espuma, oscillantes como as ondas, luminosas como as estrellas — entre cujos cabellos d'algas se entremeam ricas perolas e tremulas gottas d'agua; e de cujos labios se exalam canticos, a que dão ecco os rochedos sonoros, e a que nenhum mortal poderia escutar sem morrer logo, como consumido pelas chammas invisiveis d'um amor intensissimo? — Serea ou baccante, deusa ou mortal, phantasma ou realidade; o Cesar — ante cujo nome se prostra o mundo inteiro — segue-te como agrilhoadado ao teu coração, e como suspenso dos teus labios.

[Continúa]

PEREIRA-CALDAS.

Braga.



## A LESBIA

—De Catullo—

Vivamos para o amor, ó minha Lesbia, rindo Das vãs murmurações d'uma velhice austera. Vae um, vem outro dia, e quando o sonho lindo Se esvae de nossa vida, eterno olvido o espera!

Dá-me mil beijos, cem, e logo mil ainda, Depois mais outros cem, e mil, e cem, ó bella! A vêr se a conta enorme a inveja não deslinda, E ciumes não tem de mim, de ti, nem d'ella.

ALBERTO CRUZ.

## A ARCHEOLOGIA

E' a archeologia o estudo das antiguidades em todos os pontos de vista: e dá-se o nome d'archeólogo, equivalente a antiquario, ao que se occupa n'este estudo minucioso.

Versa a archeologia sobre os usos e costumes dos povos, que chegaram desde as eras mais remotas até nós: dando-nos

a conhecer a sua historia, as suas leis, a sua religião, as suas acções, os seus progressos ou decadencias, as suas cidades e villas, as suas viagens, a sua industria, o seu commercio, e tudo em fim quanto lhes diz respeito.

Os monumentos que nos deixaram, e entre estes as lapidas e medalhas, são os pharoes que nos illuminam mais directamente n'este estudo curiosissimo: pois só pelas lapidas e medalhas temos chegado ao conhecimento de povos e cidades, de que nenhuns outros testemunhos temos.

Vai-se desenvolvendo entre nós com enthusiasmo o gosto por estes estudos das antiguidades: e a fundação de museus, em que se reúnem quantos espécimens se encontrem dos tempos findos, serão d'um socorro valiosissimo aos estudiosos do passado.

Apesar dos restos archeologicos, destruidos ou despresados em nosso paiz até hoje, não são poucos, nem pouco valiosos, os que restam esparsos ainda por quasi toda a parte.

Aproveital-os cuidadosamente, e facilital-os aos estudiosos, será um serviço dos mais importantes da nossa epocha de civilisação e progresso.

Entrou n'este caminho radioso a minha patria: e não será perdido este exemplo feliz.

Santarem.

A. M.

## A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto segundo

VI

Vai seguindo o seu guia silenciosa  
Envolta em negro manto dos que podem  
Usar somente os mussulmanos nobres,  
Furtando ao vento o scio, que é tão caro  
A Sélím como o proprio ceu; marchando  
Atravez dos abrolhos, receiosa,  
E estremecendo quando, muitas vezes,  
O vento perpassando na folhagem,  
Uns sombrios murmurios lhe desperta,  
Até que, enfim, chegada a melhor piso  
Seu coração mais livremente pulsa.  
Imprime-lhe o terror largos desejos  
De volver-se; mas como deixar Sélím?

Como exhalar censuras de seus labios,  
Se respira por elles a ternura?

VII

A uma gruta chegaram finalmente  
Cavada pelas mãos da natureza,  
Pela arte embellezada, engrandecida,  
Onde, ás vezes, Zuleika solitaria  
Os versos do Alcorão acompanhava  
Ao som das harmonias do alaude!  
Quantas aves, alli, em sonhos bellos  
Não tentou descobrir seu pensamento  
O que podia ser o Paraiso!  
Onde iria sua alma apoz a morte?  
Era mudo o Propheta sobre o caso;  
Mas certa era a morada do seu q'rído  
E não podia erer que muito tempo,  
Vivesse elle no mundo dos eleitos,  
Longe della, que tanto havia amado,  
Amado mais que tudo neste mundo.  
Depois... que poderia ser-lhe grato  
Mais que a presença della? Houri alguma  
Poderia enconral-o nem metade?

(Continua)

## EMMELINA

— ALFREDO DE MUSSET —

VERSÃO LIVRE

DE

Narciso Alberto de Sousa

(Ao distincto poeta Cunha Vianna)

(Continuação)

N'esta casa havia uma mezasinha junto d'uma janella, que ficava sobranceira a um pateo muito escuro. A admiração d'um amigo de sua mãe fez ver a Emmelina a tristeza do seu quarto; o seu espirito nunca se resentira da influencia dos objectos externos. Classificava de maniacas as pessoas que ligavam importancia ao que constitue o bem-estar material. Sempre com a cabeça descoberta, os cabellos em desordem, affrontando o vento e o sol, sendo a sua maior alegria entrar em casa molhada pela chuva, entregava-se no campo a exercicios violentos, como se n'elles tivesse passado toda a sua vida. Montava a cavallo, e percorria a galope sete ou oito leguas por divertimento; a correr ninguem lhe levava as lampas; trepava as arvores, e se não andava por cima dos parapeitos em vez de andar pelo caes, se não escorregava pelos corrimões em logar de descer as escadas, era para respeitar as conveniencias.

Do que ella mais gostava, em casa de sua mãe, era de fugir só para a contemplação e de não ver ninguem. Este amor de criança á solidão, e o prazer que experimentava em sahir por tempos horrosos, provinham da certeza que tinha de que então ninguem iria procural-a ao seu passeio.

Sempre impellida por esta extravagante ideia, arriscava-se aos perigos, mettia-se n'um batel, fazia-se ao largo no rio que atravessava a parque, sem se importar onde iria abordar. Como a deixavam correr tantos perigos? Não serei eu que o direi.

No meio d'estas loucuras, Emmelina zombava de tudo. Tinha um tio, obeso, com um rir estúpido, mas excellente homem. A travêssa, com razões que fariam rir um morto, persuadira-o de que ella era o seu retrato no rosto e no espirito, motivo porque o digno tio consagrava a sua sobrinha uma affeição sem limites. Brincava com elle como com uma criança, saltava-lhe ao pescoço á sua chegada, trepava-lhe sobre os hombros; e até que edade o fazia, não posso eu dizel-o. O maior divertimento da juvenil travêssa era obrigar aquelle grave personagem a leituras em voz alta, coisa difficil, attendendo a que elle não achava sentido aos livros.

Isto explicava-se pela sua maneira de pontuar: tomava folego no meio das phrases, compassando a leitura pelos haustos da sua respiração. Imaginem que aranzel e que vontade de rir a bandeiras despregadas. Sou obrigado a accrescentar que no theatro fazia o mesmo durante as tragedias, mas que algumas vezes achava meio de se commover nas comedias mais jocosas.

Perdõem-me estas minudencias pueris, que, por fim de contas, apenas servem para retratar uma criança estragada com mimos. Comprehendem, de certo, que um tal character devia, mais tarde, obrar a seu modo, e não como as demais pessoas.

Aos dezeseis annos, o tio de Emmelina levou-a para a Suissa. Ao aspecto das montanhas, parecia que enlouquecia: tam vivos eram os transportes da sua alegria. Gritava, saltava fóra da carruagem, ia lavar o rosto nas fontes, que jorravam das rochas. Queria trepar aos picos, ou descer ás torrentes dos precipicios; levantava pedras, arrancava musgo. Entrando um dia n'um chalet, não queria tornar a sahir; foi preciso arrancar-a quasi á força. Quando subiu á sege, gritou, voltaldo-se para os cam-

ponezes: Ah! meus amigos, deixam-me partir!

(Continua)

## O CAMPO

Empresta-me tuas azas, ó poesia,  
e deixa referir o que me encanta  
na tua voz d'eterna melodia.

Ai tanta maravilha, tanta e tanta,  
eleva minha debil phantasia!  
que gigante minh'alma se levanta!

Que murmurio tão doce, tão suave  
da fonte deslisando na verdura,  
bem como a voz d'um orgão pela nave!

Hymnos d'amor, de candida ventura,  
eis solta em verde ramo gentil ave,  
embalando n'um sonho a creatura.

Abre-te, coração; aspira o aroma  
de tantas flores mil que o prado encerra:  
eleva-te minh'alma, assoma, assoma!

Affasta-te da ignobil, impia guerra,  
o teu olhar embebe nessa coma,  
ergue-te, vóa e aqui foge da terra.

Oh! campo, eterno enlêvo d'harmonia!  
em ti busca repouso a alma triste,  
peregrina no mundo da alegria.

Que balsamo tão santo não existe  
na tua solidão; que poesia  
com que minh'alma agora não vestiste!

Passem na terra, embora, os potentados  
cobertos pela fama e pela gloria  
erguidos sobre thronos damascados.

Que a mim só me compraz a minha historia,  
recordando meus dias malfadados  
que tão gravados tenho na memoria.

Basta-me por docel o azul brilhante  
deste formoso ceu de mil estrellas  
que buscam meu olhar tão anhelante.

Noites cheias d'amor, as noites bellas  
envoltas n'um perfume inebriante  
e o canto das canoras philomelas.

Oh! campo! oh! solidão formosa e santa  
como enches minh'alma d'alegria  
lendo nesse teu livro, biblia santa.

Anjo de paz, meu cofre de poesia  
nas horas de saudade vem, encanta  
meu seio com tua magica harmonia;  
meu espirito a Deus sempre levanta.

C. GOODOLPHIM

## ELVIRA

*(Conto original)*

## A REVELAÇÃO

*(Continuação do n.º 19)*

— Como assim?, me disse ella. Não está satisfeito com a hospedagem? Foi recebido inconvenientemente por alguma pessoa d'esta casa?

— Nada d'isso, minha senhora. Entrei doente n'esta casa, onde v. ex.<sup>a</sup> fez o obsequio de me mandar recolher. Aqui fui tratado com o maximo desvello e carinho, dispensando-me v. ex.<sup>a</sup> todos os favores possiveis. Em quanto enfermo, permaneci n'esta habitação d'anjos e fadas, e da qual levo as mais gratas recordações; mas agora que me acho completamente restabelecido, devo sair d'ella; assim m'o ordenam a honra, o dever, a dignidade; e amanhã ao romper do dia deixal-a-ei.

— Não fará o que diz; sou eu que lhe peço. Hoje é terça feira, e nada lhe custará o permanecer aqui até o proximo domingo.

— Não posso acceder ao seus desejos, sr.<sup>a</sup> baroneza, porque necessito de procurar remedio para a minha enfermidade.

— Pois não disse, ainda ha pouco, que estava completamente restabelecido?

— Assim foi, minha senhora; mas então referi-me á doença physica; agora refiro-me á doença moral. A primeira curei-a n'este casa; a segunda talvez jamais a cure, apesar de só n'este solar existir o remedio para ella.

— Apaixonou-se, talvez por alguma das minhas serviças? perguntou a baroneza córando.

— Não, minha senhora. Oxalá que o meu coração palpitasse por alguma d'ellas, porque a essa podia sem receio dizer-lhe que a amava; as nossas posições eram analogas. Não acontece assim, o que é para mim uma infelicidade, talvez a morte. Amo mais que uma mulher, amo um anjo, mas não lhe posso declarar sem vergonha o meu amor, aos olhos d'ella talvez criminoso, porque ella é nobre e eu sou plebeu; ella é rica e eu sou pobre. Sairei d'esta casa, e irei conquistar tambem um titulo: serei tambem nobre, ou pelo estudo ou pelo trabalho.

A baroneza comprehendeu-me.

— Quem será essa mulher, feliz por pos-

suir o seu amor? perguntou ella baixando a vista, e brincando descuidosa com uma corrente que lhe pendia do peito.

— Julga-a feliz por possuir o meu amor?

— Julgo, sim. Quando se é amada por um homem de nobres sentimentos, d'um bondoso genio, possuidor d'um coração ter-no, que emprega todo o seu amor n'uma unica mulher, é-se completamente feliz. Poder-me-há revelar o nome d'essa mulher?

— Não o queira saber, minha senhora. Ser-lhe ia desagradavel ouvir pronunciar o nome d'uma mulher a quem talvez o meu amor deshonre. Amo-a com todas as véras do meu coração, mas já que a não posso possuir, buscarei esquecel-a; e se não o conseguir, ainda tenho um ultimo recurso: o de todos os desgraçados.

— Qual é esse ultimo recurso?

— O suicidio.

— Oh! não pense em tal! Afaste de si esses pensamentos, que o levariam ao peor dos fins. A creatura deve ter uma esperança.

*(Continúa)*

Porto.

ARNALDO JOSÉ MARTINS.

\*\*\*\*\*

\*\*\*

A' luz do teu olhar, olhar de fogo,  
Cai prostrado, exangue israelita;  
Como á sombra d'essa arvore maldita  
Alguem crê descansar e morre logo.

No abysmo de teus olhos tentadores  
Julguei vogar n'um mar doce e tranquillo;  
Mas na praia chorava o crocodillo  
— O symbolo fiel dos teus amores.

N'esses tempos de ephemera ventura  
Quando a tua alma á minha se enlaçou,  
O quadrante da vida então marcou  
Toda uma vida cheia d'amargura.

A dor que me anniquilla o coração  
É que teu riso glacial augmenta,  
E' a que n'esta vida me alimenta  
E me dá forças contra a ingratição.

Se um dia te encontrar de rosto a rosto  
Acredita, que nada hei de dizer;  
Preferira, talvez, antes morrer  
Do que causar-te o minimo desgosto.

Folga, creança, ri; não serei eu  
 Quem zombe dos teus loucos devaneios...  
 Jamais avivaria os negros veios  
 D'um coração de pedra, como o teu.

Lisboa, 1877.

PAULO SAAVEDRA.

~~~~~  
**EPISODIOS**

(A DIAS FREITAS)

(Continuação do n.º 19)

As duas raparigas ficaram aturdidas  
 com esta descarga á queima-roupa.

Corinna, mais resoluta que sua irmã,  
 abalançou-se a dizer que jámais casaria  
 com aquelle figurorio, que o pae lhe apre-  
 sentava tão summariamente. Elle, o noi-  
 vo, sorriu-se alvarmente, e começou a tor-  
 cer-se d'um modo que fazia lembrar os  
 namorandos d'aldeia a mais sertaneja.

Nos olhos do papá, tão rudemente con-  
 trariado, brilhou um raio de colera, pre-  
 nuncio de borrasca imminente.

—Creia—bradou elle, dirigindo-se a  
 um dos recém-chegados—que ella ha de  
 casar consigo. Quem manda aqui sou eu.

N'este entrementes haviam-se retirado  
 da sala Corinna e sua irmã, que riam a  
 bandeiras despregadas da palermice dos  
 dois pretendentes.

—Olha que felicidade a nossa?!

—Falla baixo, Corinna. Não vá ouvir-  
 nos a Geneveva. Bem sabes como ella cos-  
 tuma fazer...

—Elles la estão, os patifes,—berrava  
 Pedro apontando para uma casa fronteira.  
 Se chego a pilhal-os, desanco-os.

Ora os taes *patifes* eram nada mais nem  
 menos do que os nossos conhecidos Julio  
 e Carlos.

Depois d'algumas palavras trocadas en-  
 tre os noivos e o sogro, que Deus não se  
 achava inclinado a fazer, aquelles apro-  
 ximaram-se da janella, da qual foram cor-  
 ridos por uma estrondosa gargalhada e  
 chistosos ditos disparados pelos dois estu-  
 dantes.

Deixemos a morada do velhote, don-  
 de a conversação nos afasta, e entremos  
 d'um salto no quartel d'aquelles dois mo-  
 ços.

E' certo que não nos esperará alli a  
 semsaboria nauseante que nos asseteia por  
 aqui.

(Continúa)

Braga

MAGALHÃES JUNIOR.

**NO ALBUM**

Do poeta Bernardino Passos

Que é isto?!—Ouvi um rumor  
 à porta da minha tenda,  
 onde não sóe vir ninguém...  
 Foi por certo engano. Quem  
 —leguas mil em deredor  
 onde só a urze cresce—  
 ha, que inda não esquecesse,  
 e ver de novo pretenda  
 a mim—precito da lenda?!...  
 Mas não me engano: o rumor  
 augmenta... Sim, é alguém...  
 Louvado seja o Senhor!

Caminho á porta enfrestada.  
 Tómo o bordão do escabello:  
 a sandalia desbotada  
 a custo apêrto.

Da frente,  
 por tanta mágoa avincada,  
 entre o crescido cabelo  
 gotta a gotta o suor cae...  
 A passo medido, incerto,  
 como quem, descalço, vae  
 por sobre areia candente  
 d'um vastissimo deserto,  
 chego á porta, —abro-a ligeiro...

—Decerto levas errado  
 o caminho, forasteiro:  
 por aqui nem ha carreiro  
 que conduza a povoado.

—São flores o que eu mais amo,  
 e uma rosa para um ramo  
 não m'a dareis, jardineiro?...

—Rosas!... Ai! no meu canteiro,  
 onde o amor viçou tão pulcro,  
 só ha goivos do sepulcro...  
 Além... além caminheiro...  
 E's inda moço. Em teu rosto  
 nem o mais leve desgosto!  
 Tens muito amor para amar,  
 vida a viver, e gosar  
 quando goso o mundo encerra.  
 Deves ter na tua terra,  
 irmã que por ti suspira,  
 noiva que por ti delira  
 e—o que e tudo!—a doce mãe...  
 Aqui, ai! não tens ninguém...

D'este chão não sóe brotar  
 nem uma rosa, no ar  
 apenas se ouve troar  
 o genio iroso do sul,  
 que nunca adelgaça o veo  
 que tolda o sol. E no ceo  
 nem uma braça d'azul.

Já vês que levas errado  
 o trilho do povoado...

porque vejo que em teu rosto  
 não ha sombra de desgosto.  
 Quando é grata a mocidade,  
 quem não ama? quem não crê?  
 Para quem o sol da fé  
 tem dobrada claridade,  
 a vida é sempre uma aurora.  
 Vês?!—na minha soledade  
 ninguem vive. Eu mesmo até  
 não sei o que é vida...

Agora  
 falla, eu oiço-te de pé.

.....  
 Ai! sempre buscas a rosa  
 cheia d'aromas, formosa,  
 —como abrolha pelo prado—  
 no fundo, escuro sequeiro?!...  
 Bem vês que levas errado  
 teu caminho, forasteiro...  
 Pois como! pedir á mágoa  
 um sorriso de praser?!  
 Pois como! pedir á morte  
 um elixir do viver?  
 fogo ás geleiras do norte?  
 uma prancha ao escarceu?  
 á charneca um hausto d'agoa?  
 a Satan a luz do ceo?

.....  
 Vae, vae,—que levas errado  
 teu caminho, forasteiro:  
 por aqui nem ha carreiro  
 que conduza a povoado.

Braga.

DIAS FREITAS.

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

*A filha do Cabinda, por Alfredo Campos.*  
 (2.<sup>a</sup> edição).

Creemos sinceramente que haverá poucos amadores da nossa litteratura para quem seja desconhecido o nome do auctor d'este conto formosissimo.

Dos leitores da *Borboleta*, de que Alfredo Campos tem sido collaborador assiduo, é este esclarecido escriptor estimado e querido. E bem o merece elle.

Não bastarão, pois, estas palavras para que os nossos leitores se proporcionem algumas horas de deleite, lendo a *Filha do Cabinda*?

Façam aquisição d'este tão lindo quanto singelo romance, certos de que não terão porque arrependem-se.

Nota: Isto não se dirige aos amadores de novellas á Ponson e outras missangas de côr e feitio aproximados.

—Offereceu-nos o snr. dr. João Manoel Correia, professor distincto do Seminario Conciliar Bracarense, um exemplar da oração *De Sapientia*, por s. ex.<sup>a</sup> recitada na abertura solemne das aulas d'aquelle estabelecimento, no anno lectivo corrente.

N'este trabalho, cuja difficuldade reconhecemos, evidencia o snr. dr. Correia o quanto é justa a fama de que goza como um dos nossos mais notaveis linguistas, mormente se attendermos a que poucas horas teve para o confeccionar.

Quanto á latinidade é, segundo a opinião dos competentes, da mais pura.

—Está distribuido o n.º 4 dos *Ortiões*, do snr. Urbano Loureiro.

E' este, a nosso ver, o volume mais interessante entre os já publicados, o que não quer dizer que os anteriores sejam destituídos d'interesse.

Pertence esta publicação á Livraria Civilisação, do snr. Costa Santos, assim como é edição da mesma *A Filha do Cabinda*, a que acima nos referimos.

*Memoria historica sobre a fundação da sé d'Evora, e suas antiguidades.*—Por Antonio Francisco Barata.—Coimbra, imprensa da universidade, 1876, 4.º, com 19 pp.

E' valioso o opusculo do snr. Barata, collaborador da *Borboleta*, publicado com o titulo exposto, e offerecido á secção d'archeologia do Instituto de Coimbra.

No contexto d'este opusculo, e nas notas que o illucidam, expõe o snr. Barata—com sciencia de facto, e consciencia d'exposição—os tópicos attinentes ao assumpto.

Os estudos archeologicos, a que o snr. Barata se dá com preferencia, lucram immenso com as suas lucubrações:—e o escripto do snr. Barata, em relação á sé d'Evora, é uma das suas lucubrações mais prestimosas.

Esta *Memoria Historica*, pequena em volume e grande em importancia, é o complemento natural dos *Esboços chronologico-biographicos dos Prelados da Egreja Evorense*, devidos egualmente á penna do nosso collaborador illustrado.

Recommendo aos amadores esta lucubração do snr. Barata, cumprimos gostosos um dever de gratidão, baseado no valor intrinseco dos escriptos indicados.